

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
CAMPUS CUITÉ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CUITÉ-PB**

CUITÉ – PB

2013

KAÊNIA SILVA CABRAL DE LIMA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Biologia da
Universidade Federal de Campina Grande do Centro
de Educação e Saúde como forma de obtenção do
Grau de Licenciado do referido curso.

Orientador: (a): Prof^a. Ms. Caroline Zabendzala Linheira.

CUITÉ-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

L732a Lima, Kaênia Silva Cabral de.

Avaliação da aprendizagem: uma análise das práticas de professores do ensino fundamental de Cuité - PB. / Kaênia Silva Cabral de Lima. – Cuité: CES, 2013.

41 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

Orientadora: Dra. Caroline Zabendzala Linheira.

1. Prática pedagógica. 2. Ensino fundamental - avaliação.
3. Ensino fundamental – prática pedagógica. I. Título.

CDU 37.02

KAÊNIA SILVA CABRAL DE LIMA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Biologia da UFCG/Campus de Cuité,
para obtenção do grau de Licenciado em Biologia.

Aprovada em ___/ ___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Caroline Zabendzala Linheira (orientadora)

Prof^a. Ms. Letícia Caporlândia Giesta

Prof^o. Ms. Paulo Anchieta Florentino da Cunha

Aos meus pais, Antonio e Guia,
pelo amor, dedicação e exemplos.

Ao meu noivo João Kléccio pela
compreensão, companheirismo, amor e confiança.

DEDICO.

Aos velhos e jovens professores, aos mestres de todos os tempos que foram agraciados pelos céus por essa missão tão digna e feliz. Ser professor é um privilégio. Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes.

Gabriel Chalita.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, primeiramente por me conceder sabedoria e inteligência, por me fortalecer e sustentar em todo o percurso desta caminhada com saúde, paz, perseverança, entusiasmo e fé.

Ao Centro de Educação e Saúde (CES), Campus de Cuité da UFCG, pela oportunidade do aprendizado e conhecimento.

A minha orientadora, Professora Caroline Zabendzala Linheira, por acreditar em mim, pelo incentivo, apoio e colaboração indispensável na realização deste trabalho.

Aos meus professores do Curso de Licenciatura em Biologia e aos demais professores do CES, que foram direta ou indiretamente responsáveis por minha formação acadêmica.

Aos professores do ensino fundamental do município de Cuité-PB que contribuíram com esta pesquisa.

Aos mestres que participaram da banca examinadora.

Aos meus colegas de turma, pela agradável convivência e coleguismo.

A meus pais Antonio e Guia os responsáveis pela minha educação e formação, obrigada pelo amor sem limites e companheirismo em vir morar em Cuité para me acompanhar e facilitar minha estadia ao longo do período acadêmico.

Aos meus irmãos Kalina e Kelson por compartilhar momentos bons e ruins e por duvidarem de mim.

Ao meu noivo João Klécio, sempre prestativo, encorajador e compreensivo. A quem dedico todo meu amor e carinho

Ao meu amigo Daniel Sebastião dos Santos Macedo por me dar dicas e orientações técnicas e pelo incentivo e força na trajetória deste trabalho.

As minhas amigas de perto e de longe que torceram, mandaram vibrações boas e se fizeram presentes, as quais puderam compartilhar as angústias e vitórias e pelo convívio maravilhoso.

Aos meus tios e primos pelo orgulho e confiança em mim depositada.

RESUMO

É notável a grande importância do processo avaliativo para o ensino e aprendizagem. Por isso, a avaliação deve existir para contribuir na formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades, tornando-o capaz de resolver conflitos do seu dia-a-dia e exercendo, também, sua própria cidadania. Embora os professores utilizem diversos instrumentos de avaliação em suas práticas pedagógicas, as provas escritas são as práticas mais frequentes nas escolas. Tendo isto em vista, e observando os constantes fracassos e reprovações atribuídos aos alunos, nota-se que é preciso refletir sobre a forma de avaliação que está sendo empregada nas escolas nos dias atuais. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar as concepções de avaliação da aprendizagem de quatro professores do ensino fundamental da rede pública do município de Cuité-PB, situando-as em relação às definições associadas a uma avaliação mais formativa, bem como, aos planos formal e informal da mesma. Para a realização deste estudo, foram feitas entrevistas semiestruturadas com as duas professoras mencionadas anteriormente. Estas entrevistas foram redigidas e posteriormente, as falas de cada professora foram analisadas segundo duas categorias criadas através das contribuições de Hadji (2001) e Freitas (2003) sobre uma avaliação mais formativa. De acordo com os dados, as professoras entrevistadas, mesmo aproximando-se, em alguns momentos, de uma avaliação mais formativa (tentando verificar os erros dos alunos e ajudando-os a superá-los), na maior parte do tempo, tendiam a empregar uma avaliação mais tradicional, utilizando provas escritas e atribuindo notas, também, ao comportamento dos alunos em sala de aula.

Palavra-chave: Ensino fundamental; Avaliação; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

It is remarkable the great importance of the evaluation process for teaching and learning. Because of this, evaluation should exist to contribute to the individual formation, respecting his differences and individualities, becoming him able to solve conflicts of his day-to-day and exerting his/her own citizenship. Although teachers use various evaluation tools in their pedagogic practice, the written tests are the most common practices in schools. In this way and noting constant failures and reproofs attributed to students, we note that is necessary to reflect about the form of the evaluation that is being used at schools nowadays. Therefore, this work aims to analyze the conceptions of learning evaluation of four teachers of secondary school of public municipal schools in Cuité-PB, situating them in relation to the associated definitions for an evaluation more formative as well as the formal and informal plans. For this study, we conducted semi-structured interviews with the two teachers mentioned before. These interviews were written and, after that, the teachers' speech was analyzed according to two categories developed by the contributions of Hadji (2001) and Freitas (2003) about more formative evaluation. According to the data, the teachers interviewed, even approaching at times, a more formative evaluation (trying to verify students mistakes and helping them to overcome), most of the time, they tended to use a more traditional evaluation, using written tests and also giving notes to the students' behavior in the classroom.

Kew-words: Secondary School; Evaluation; Pedagogic Practice.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 11 |
| 3 OBJETIVOS..... | 16 |
| 3.1 Objetivo Geral | 16 |
| 3.2 Objetivos Específicos..... | 16 |
| 4. METODOLOGIA | 17 |
| 5. DISCUSSÃO DOS DADOS..... | 19 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| REFERÊNCIAS | 30 |
| ANEXO..... | 31 |

1 INTRODUÇÃO

Durante todo o meu processo de estudo sempre percebi, com muita clareza, que a maioria dos professores, mesmo considerando a avaliação essencial, aplicava-a como forma de controlar o comportamento de seus alunos e classificá-los como os “melhores” alunos, alunos medianos ou alunos “problema”. Acredito que é notável a grande importância da avaliação para o processo de ensino e aprendizagem, contudo, ao avaliar o aluno é preciso definir e apresentar o que será avaliado, devemos tentar diminuir a subjetividade deste processo e permitir que os alunos tenham êxito. Penso ainda que é importante que os processos de avaliação contribuam para os professores compreendam que muitas das dificuldades de aprendizagem dos alunos são, na verdade, fruto de problemas nas estratégias de ensino.

Com tantas inovações no campo das tecnologias das informações e comunicação o que vemos cotidianamente nas escolas da região são avaliações tradicionais como a prova escrita, os trabalhos de pesquisa e os trabalhos em grupo.

Observando este fato e, também, reprovações e fracassos escolares comumente atribuídos aos alunos, vemos que é preciso parar e refletir sobre a forma de avaliação que está sendo empregada, se esta avaliação está servindo apenas para aprovar ou reprovar o aluno, punir ou controlar, sem levar em conta uma construção de conhecimento e uma real melhoria na aprendizagem.

Será que devemos avaliar o êxito da aprendizagem apenas pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi apresentado como informação? Ou deveríamos estimular e avaliar sua capacidade de construir soluções diante de novos problemas? Como estimular os professores a criarem novos métodos de avaliação? Como ampliar o olhar para o aluno em suas múltiplas dimensões sem correr o risco de estigmatizá-lo?

A presente pesquisa justifica-se na necessidade de conhecer a prática dos professores da região, avaliar se há mudanças entre professores antigos e recém formados quanto às estratégias de avaliação e estimular o debate sobre as possibilidades de novas ferramentas para avaliação.

Diante disso, o presente estudo tem como finalidade analisar os mecanismos de avaliação usados por uma pequena amostra de professores de Ciências na rede pública da região do Curimataú. A pesquisa de abordagem qualitativa ouviu os professores através de questionário estruturado com perguntas abertas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A função da escola na sociedade é proporcionar ensino de qualidade para os estudantes, indistintamente. No entanto, nos dias atuais, ou mesmo desde muito tempo atrás, ouve-se muitos embates ideológicos e críticas governamentais ao sistema educacional dos jovens. Porém, apenas criticar e não buscar os porquês dos fracassos dos programas educacionais e soluções para eles, nunca levará a nenhuma melhora ou avanço dos mesmos (PERRONE, 2009).

Freitas (2003) ressalta que nós necessitamos de processos educativos para nossa sobrevivência. Por isso, segundo a referida autora existem duas categorias centrais de educação: a educação vivencial e espontânea, o que seria “vivendo e aprendendo”, e a educação intencional ou propositada, (em locais certos e com instrumentos necessários), representada hoje, em sua grande maioria, pela escola.

Com o intuito de promover essa educação intencional - dada pela escola, e para que este seja de qualidade, é necessário que os profissionais do ensino sejam bem formados, competentes e críticos. Para tal ele deve vivenciar situações e experiências que o levem a incorporar estes comportamentos em sua prática pedagógica (HADJI 2001). Além disso, como afirmado por Hoffman (2009), a escola atual (exigente, rígida e detentora do saber), não está de acordo com a realidade em que vivemos e a formação de professores parece também não acompanhar estas transformações.

Segundo Hoffman (2009), os professores devem constituir o conhecimento sobre o fenômeno educativo ao mesmo tempo em que os alunos constroem seus conhecimentos. Para isso, tanto a escola como seus professores, deverão estar abertos às mudanças. A escola deve ser um sistema dinâmico, suscetível à inovação, que leva em consideração a complexidade da realidade atual.

É importante ressaltar que inovação não significa mudança, ou seja, muitas vezes os professores, visando à mudança de suas concepções, apenas inovam sua aula, mudando, por exemplo, a colocação das carteiras. A aula não deixa de ser tradicional. Para que o professor consiga realmente mudar suas concepções e sua prática de ensino, não existem roteiros pré-determinados, é necessário que ele pratique a nova teoria de modo único, inédito e exclusivo, é preciso ousar, arriscar, expor-se, observar e refletir Hoffman (2009).

Avaliar no dicionário é definido como: *determinar o valor de, compreender* (PRIBERAM, 2013). A avaliação na escola é uma parte tão importante que parece que não existe escola, não existe educação sem avaliação. E na história e no senso comum avaliação é sinônimo de prova. Ao mesmo tempo muitos professores avaliam os alunos por seu comportamento, por sua interação afetiva com colegas e professor. Será certo avaliar assim? Como nossos professores estão avaliando seus alunos? Será que focam mesmo a aprendizagem de conceitos? Que outros elementos podem e devem ser avaliados no contexto escolar?

No oportuno, é relevante mencionar que, durante o processo pessoal de aprendizagem, pude perceber que em muitas situações, aqueles alunos que buscaram questionar os modelos de ensino e as pedagogias vigentes institucionais, foram ignorados e ameaçados por mestres que legitimaram um modelo de ensino tradicionalista voltado aos decoros das aulas e objetividade dos assuntos, eximindo do conteúdo os contextos além das aulas e interação de saberes, não reconhecendo o conhecimento produzido pelo próprio aluno.

Nesse contexto, é possível avaliar esse modelo de aprendizagem como uma realidade limitante para o aluno, o qual é restrito às exigências ditadas pelos professores, que, em muito, ainda permanecem mais preocupados com a aplicação de notas para avaliar as tarefas e seus comportamentos do que a própria desenvoltura intelectual e desenvolvimento amplo do saber do aluno.

Entretanto, deve-se avaliar o êxito da aprendizagem não pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi apresentado como informação, mas sim pela sua capacidade de construir soluções a novos problemas, ainda que para isso ele recorra às informações dadas anteriormente pelo professor.

Segundo Hadji (2001) a avaliação deve ser contínua e sistemática, não havendo assim ser esporádica e muito menos improvisada. Mas, o que se observa com frequência, é que a avaliação aplicada pelos professores nem sempre se integra a um real projeto pedagógico. Hadji (2001) diz que a avaliação deve ser contínua, permitindo que o professor analise os dados e não quantifique seus alunos. Dessa forma, nota-se que essa avaliação contínua, aplicada pelo professor, tem a intenção de informar tanto o professor quanto seu aluno sobre as suas conquistas. A partir do reconhecimento dos supostos erros os alunos são convidados a buscar alternativas para superá-los, o que os incentiva para uma aprendizagem mais significativa (PERRENOUD, 1999). São intenções desta natureza que caracterizam uma avaliação formativa como trataremos neste trabalho.

Segundo Hadji (2001) e Perrenoud (1999) avaliação formativa deve verificar se e de que forma os alunos estão atingindo os objetivos propostos; informar, auxiliar e orientar, permitindo aluno aprenda considerando seus erros e dificuldades. A avaliação não visa eliminar os alunos, mas orientá-los em sua aprendizagem, estimulando-o a reconhecê-los e corrigi-los. A avaliação também mostra ao professor os efeitos de seu trabalho pedagógico e com isso ele pode repensar sua ação.

Para fins deste trabalho de pesquisa, tomar-se-á como base o trabalho de Preite (2010), que fundamentada em Hadji (2001) e Freitas (2003), buscar-se-á através da fala dos professores saber o que eles avaliam e como avaliam?

Tomaremos mais especificamente as categorias de Freitas (2003 apud Preite, 2010) para direcionar nossa investigação. Buscando saber qual caráter nossos professores estão valorizando mais quando avaliam os alunos: **a avaliação como um processo formal** sendo um conjunto de técnicas e procedimentos concretos da avaliação como provas, trabalhos, atividades visando à nota; ou a **avaliação com caráter mais informal** que consideraremos aqui o juízo de valor, a avaliação de comportamentos e atitudes dos alunos?

Assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino; (BRASIL, 1996)

O Capítulo II da LDB, que trata da Educação Básica, faz considerações sobre a avaliação. Afirmar que a verificação do rendimento escolar deverá observar alguns critérios importantes, como por exemplo, a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos. Sabemos que na prática não é bem assim que acontece. O que vemos na prática é uma preocupação quase que única e exclusivamente com a nota.

Segundo Freitas (2003 apud Preite 2010)

atribuir nota é um modo de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento do aluno para que este realize todas as

tarefas exigidas pelo professor e se mantenha disciplinado dentro da sala de aula, já que para a maioria dos professores, o bom comportamento do aluno é um critério importante para ganhar pontos; o aluno que se adapta às solicitações, às exigências e às normas definidas tem mais possibilidades de “ganhar” os pontos necessários.

Desta forma, o aluno passa a frequentar a escola apenas para conquistar os pontos necessários a aprovação, alguns abandonam a escola quando já conseguiram esses pontos.

Segundo Hoffman (2009) além das notas, os professores atribuem conceitos às atividades as quais não cabem notas como questionários e exercícios e aos aspectos atitudinais dos alunos, como comprometimento, interesse e participação nas aulas. De qualquer forma, a nota se mantém como um fim e não um meio. E a escola continua a perder tempo dizendo o que os alunos sabem, e não dá a devida atenção para fazê-los progredir.

A avaliação em sua essência tem a função de auxiliar o aluno a aprender (PERRENOUD, 1999), além de possibilitar ao professor, um melhor conhecimento deste aluno, julgando e ajudando-o em sua aprendizagem, durante todo o processo de ensino. Esta avaliação, quando em um contexto de ensino, tem o papel de contribuir para o êxito do aluno, ou seja, para sua construção de saberes e competências. Ela deve ser compreendida como um processo amplo de aprendizagem, que envolve responsabilidades do professor e do aluno. Também possui a função de ajudar numa boa regulação do ensino, da aprendizagem ou da formação (HADJI, 2001). Sendo assim, esta avaliação, ao invés de medir ou julgar, deve se preocupar em melhor formar seus alunos.

Segundo Hadji (2001) e Freitas (2003), a avaliação formativa possibilita que o professor identifique deficiências na sua forma de ensinar, podendo assim, reformular seu trabalho, aperfeiçoando-o. Enquanto uma avaliação somativa, ou classificatória, que é realizada ao final do curso ou período letivo, apenas classifica os alunos de acordo com seus níveis de aproveitamento, geralmente observando suas condições de ser promovido para próxima série.

Nesta perspectiva, ensinar é ajudar os alunos a construir saberes e competências. A avaliação formativa tem a intenção de verificar se e de que forma os alunos estão atingindo os objetivos propostos; informar, auxiliar e orientar, permitindo que a partir de seus erros e dificuldades, o aluno consiga aprender. A importância desta avaliação está,

portanto, em favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Esta avaliação também informa ao professor os resultados de seus trabalhos, podendo este, regular sua ação a partir desses dados (HADJI, 2001).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Identificar e discutir os mecanismos de avaliação de alguns professores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do município de Cuité, PB.

3.2 Objetivos Específicos

- Identificar os principais instrumentos de avaliação utilizados;
- Relacionar à literatura as concepções de avaliação usadas por eles;
- Apresentar e discutir como os professores explicam seus processos avaliativos.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa de abordagem qualitativa busca a “obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LUDKE E ANDRÉ, 2003).

Para a coleta de dados optou-se pelo uso de um questionário estruturado com perguntas abertas. Segue abaixo as questões:

- 1. Nome e idade**
- 2. Tempo de atuação**
- 3. Quais os instrumentos de avaliação usados nas aulas ao longo do ano?**
- 4. Quais as dificuldades encontradas para a realização destas tarefas?**
- 5. Você acha que os instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem?**
- 6. Com base em que você atribui notas para seus alunos?**
- 7. Como você diferencia um aluno plenamente satisfatório de um aluno não satisfatório?**
- 8. Quando você percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer?**
- 9. Você sugere outras formas de avaliação? Quais?**

Sabemos que no caso desta pesquisa seria até mais interessante realizar entrevistas gravadas e explorar mais o entendimento e as práticas avaliativas dos professores, porém, esses professores são alvos de inúmeras pesquisas e projetos junto à universidade, de modo que tem se mostrado cansados, se recusando algumas vezes a participar de atividades acadêmicas. Optamos por deixar com eles um questionário a ser preenchido e devolvido em data prevista.

Limitamos nosso universo a quatro professores do ensino fundamental de escolas públicas do município de Cuité-PB. Preferimos não dar maiores detalhes a fim de garantir a preservação do sigilo. Desta forma não serão citados seus nomes, tampouco a identificação das instituições onde trabalham. Usamos um código para identificação dos pesquisados: P1, P2, P3 e P4 e assim serão chamados na análise dos resultados.

Este método de coleta de dados foi escolhido, pois permite, imediatamente, a captação da informação. Sabemos que para uma análise mais ampla poderíamos acompanhar os professores em aula, ver suas provas e outros instrumentos, mas devido ao tempo de construção da monografia, das dificuldades de acesso às práticas docentes optamos por apenas uma análise de como os professores explicam seu processo avaliativo. As respostas manuscritas foram digitadas para que não pudesse ser reconhecida a grafia dos mesmos. Os manuscritos originais estão guardados em arquivo pessoal.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Salienta-se que a pesquisa foi realizada com quatro professores, os quais se disponibilizaram em participar com livre consentimento da mesma após o contato pessoal com cada um deles em suas respectivas instituições escolares. No oportuno, foi apresentado aos mesmos um questionário contendo questões relacionadas à abrangência do tema em estudo.

As perguntas 1 e 2 versavam sobre aspectos pessoais e tempo de docência. Dentre os entrevistados tivemos um contraste interessante: dois professores têm mais de 15 anos de docência, enquanto os outros dois tem em média 2 anos. Esperávamos que esta diferença de tempos de formação e atuação pudesse levar a práticas muito distintas de avaliação, mas não foi exatamente o que encontramos, como podemos ver na pergunta 3 que começa a explorar como avaliam.

Quando questionados sobre quais instrumentos de avaliação utilizam nas aulas ao longo do ano (**Pergunta 3**) todos os professores colocaram em igualdade a avaliação da aprendizagem de conceitos e avaliação de comportamentos e atitudes.

O professor 1- Aplica um questionário de sondagem, aplica provas mescladas com questões subjetivas e objetivas do conteúdo, faz atividades em grupo e observa e analisa o comportamento do aluno em sala de aula.

O professor 2- Aplica provas, trabalhos em grupo, exercício e também observa e analisa o comportamento do aluno em sala de aula;

O professor 3 – Além de aplicar provas, trabalhos, exercício, faz avaliação contínua observando e analisando o comportamento do aluno na sala de aula;

O professor 4 – Aplica prova escrita, trabalhos individuais e em grupo, como também, considera nota conceitual, através do comportamento do aluno e participação nas atividades em sala de aula.

Uma verdadeira avaliação formativa deve obrigatoriamente possuir uma intervenção diferenciada, nos meios de ensino, horários e organização da aula, assim como uma visão mais igualitária da escola e da educação. Em uma avaliação com este propósito, o professor deve ser o criador de situações de aprendizagem. Ao contrário, a avaliação

tradicional, não se satisfazendo em fazer com que alguns alunos fracassem, empobrece esta aprendizagem e induz, nos professores, didáticas conservadoras (PERRENOUD, 1999).

Para os professores as dificuldades encontradas para por em prática seus instrumentos de avaliação (**Pergunta 4**) se dá pela falta de compromisso e o desinteresse dos alunos (P1); o P2 também relata isso, e complementa com a falta de consciência que os alunos têm de que o que professor ensina é bom e servirá para o seu futuro, “a grande maioria não estão nem aí, não querem nada.”; o P3 diz que o maior empecilho está na indisposição dos alunos; e para o P4 “a maior dificuldade é motivar os alunos a estudar, infelizmente alguns não tem hábito de estudo, se recusam a realizar atividades em sala de aula e em casa não possui apoio”. Parece claro que o problema da avaliação está no aluno desinteressado e não nos instrumentos utilizados.

É a escola que avalia seus alunos e conclui que alguns fracassam. Outro fato importante, analisado por Freitas (2003 apud Preite 2010), é que muitos professores tratam seus alunos segundo os juízos de valor que fazem deles. Aqui começa a ser jogado o futuro destes alunos, tanto para o sucesso quanto para o fracasso, visto que as estratégias dos professores na sala de aula são influenciadas pelos juízos e acabam determinando, mesmo de forma inconsciente, “o investimento que o professor fará neste ou naquele aluno” (FREITAS, 2003). Este julgamento informal, feito pelo educador, constrói estratégias metodológicas para cada aluno, de modo que, quando ocorre a avaliação formal, a informal já atuou, portanto a primeira apenas confirma os resultados da última.

Nas entrevistas com os professores, foi percebido que, em seus discursos, eles buscam uma avaliação mais formativa. Como afirmado por eles, utilizam várias formas de avaliação para ver se os alunos entenderam; o que eles entenderam e o que eles podem mudar e de que forma eles podem ajudar a seus alunos.

Na perspectiva do plano formal, ou seja, das técnicas e procedimentos da avaliação que levam a uma nota, observando o domínio de habilidade e conteúdos a prática avaliativa dos professores, foi percebido um grande enfoque tradicional nas práticas relatadas. Os professores falaram que avaliam seus alunos de diversas formas, portanto, todos eles, utilizam a aplicação de provas escritas. Como também, pedem trabalhos individuais ou em grupo, questionários (estudo dirigido) e exercícios.

De acordo com Perrenoud (1999), ao longo do ano letivo, os trabalhos, provas, exercícios e questionários acabam criando pequenas hierarquias de excelência

definidas pelo professor e pelos melhores alunos, que comparam e classificam estes educandos.

Assim, nota-se que os professores apoiam-se frequentemente na avaliação classificatória, que segundo Freitas (2003 apud Preite 2010) e Perrenoud (1999), incitam a competição, pois pressupõe que os alunos aprendem do mesmo modo e nos mesmos momentos. Este tipo de avaliação também tenta evidenciar competências isoladas, não informa muito sobre a aprendizagem e a construção de conhecimentos dos alunos, apenas busca seus erros, sem buscar meios para compreendê-los e trabalhá-los.

Na pergunta 5 questionamos se o instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem de conceitos pelo aluno.

O P1 disse:

“em parte sim, pois se bem aplicados são capazes de identificar algumas dificuldades dos alunos, possibilitando desta forma uma tomada de decisão sobre o que fazer para superá-los” (sic).

Já para o P2 ele não acredita:

“os alunos além de não terem interesse não tem perspectiva”
(sic)

O P3 questiona a validade da avaliação:

“(…) não reflete a aprendizagem. A pergunta básica que faço é como avaliar e o que avaliar?” (sic).

E o P4 diz que:

“avaliar é complexo, porém quando utilizamos diferentes meios de avaliação oferecemos diferentes oportunidades para o aluno expressar aprendizagem (…)” (sic).

Estes discursos vão ao encontro das ideias de Perrenoud (1999), que afirma que quando um o educador percebe que os alunos não obtiveram sucesso em alguma atividade, é imprescindível que ele busque entender o que não funcionou e onde está esta falha. Justamente com esta intenção, a avaliação formativa deve, além de auxiliar o aluno a aprender

(analisando o seu desempenho), proporcionar ao professor um melhor conhecimento deste aluno e ajuda-lo a analisar sua prática.

Hadji (2001) complementa dizendo que a avaliação tem, obrigatoriamente, que contribuir para o êxito do aluno, para que o mesmo tenha condições de construir seus próprios conhecimentos. Para tanto a prática avaliativa do professor deve complementar todo o processo de ensino e aprendizagem. O professor deve ser capaz de regular as aprendizagens de seus alunos, reconhecer se estão e por que estes estão se distanciando da trajetória ideal e, acima de tudo, sabe o que fazer para aproximá-los (PERRENOUD, 1999).

Como você diferencia um aluno satisfatório de um aluno não satisfatório **(Pergunta 7)**? Para o P1, o aluno satisfatório é aquele que:

“demonstra interesse pelas aulas e participa de todas as atividades propostas, embora não tenha êxito nas notas, (...) e demonstra carinho e respeito pelo professor” (sic).

Para o P2:

“os poucos que se comportam, participam fazendo os trabalhos e fazem algumas coisas nas provas” (sic).

O P3 tem uma visão mais radical:

“na minha escola não existem, estão sempre chateados, são obrigados a frequentá-la, forçados a tarefas para notas e participar do projeto Mais Educação” (sic).

Todos eles afirmaram que o aluno não satisfatório é oposto. O professor P4 não respondeu a esta pergunta. Teria ele nenhuma satisfação?

Essas respostas nos levam a pensar que os professores depositam uma carga afetiva na situação de ensino. Isso mereceria outra investigação. Neste trabalho relacionamos esta percepção dos professores sobre os seus alunos como parte determinante na avaliação, ou seja, o professor acaba por avaliar bem aquele aluno que atende a sua demanda afetiva e comportamental. Parece que não se avalia o desempenho e motivação (ou falta dela) diante da

aprendizagem, mas sim da convivência, como ressalta o P1 “(...) demonstra carinho e respeito pelo professor” (sic).

De acordo com as ideias de Freitas (2003 apud Preite 2010), com a intenção de conseguir um clima favorável para aprendizagem, a maioria dos professores trabalha com seus alunos para que estes se tornem submissos e obedeçam aos padrões e normas exigidos pela escola, vendo que a desobediência desse aluno é punida, pelos professores, com notas baixas de comportamento. Para este tipo de professor, o aluno bom é o aluno submisso, passivo e dependente. É importante ressaltar que a disciplina é fundamental para a aprendizagem dos alunos, mas esta deve ser expressa de forma harmoniosa entre professor e aluno, e autoridade e liberdade.

Quando você percebe que a maioria dos seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer (**Pergunta 8**)? Todos os professores foram no mesmo caminho: revisar o conteúdo e acrescentar elementos, diversificar as atividades; usar linguagem mais simples e novos exemplos; questionar e discutir; realizar avaliação de recuperação. Contudo, uma resposta merece destaque: “Reviso o conteúdo”. Mas ainda assim não temos resultado de progresso. Se nós professores não der (sic) uma ajudinha eles não passam de ano”. Essa fala reflete a triste realidade da pressão do sistema de aprovação.

A última pergunta pede que os professores sugiram novas formas de avaliação (Pergunta 9). Em geral fizeram comentários variados. O uso de produção textual desde que haja redução de número de alunos por sala e a não obrigatoriedade da frequência à escola, pois ele acredita que só assim teremos alunos com vontade de estudar. O P2 sugere a participação da família e a exigência de cobrança de rendimento para manter os vínculos com Programas de Assistência Social (e não apenas frequência como é hoje). O P4 sugere a padronização da avaliação na escola para todas as disciplinas e que “o aluno tenha conhecimento de como é avaliado”. Esta é uma questão importante: nossos alunos sabem como estão sendo avaliados? Quais são os critérios, tanto formais quanto informais? Não seria mais justo se discutíssemos com a participação deles os critérios de avaliação?

A avaliação tradicional tende, ainda, a separar os alunos como acima ou abaixo da média, tendo assim, segundo Perrenoud (1999), a ambição de situar os alunos, uns em relação aos outros. De acordo com o autor, as notas são usadas para classificar os alunos, que têm seus desempenhos comparados, e não para medir os objetivos que se deseja atingir. Também para Hadji (2001), a atribuição de nota pelo professor é um meio de controlar o

aluno para que ele realize as tarefas propostas pelo professor, mantendo-se disciplinado na sala de aula.

Vale ressaltar que, como diz Perrenoud (1999), as notas escolares não dizem muito sobre o que o aluno realmente sabe, elas apenas situam-no em relação à sua classe, ou seja, se este aluno está acima da média, na média, ou abaixo dela. Dessa forma, segundo Perrenoud (1999), o sistema de avaliação atual presente na maioria das escolas é um tipo de chantagem, para que os alunos trabalhem e tirem boas notas. Portanto, os professores deveriam aplicar uma avaliação mais qualitativa, que seria mais precisa e menos classificatória do que os números.

Para Hoffman (2009), o velho e abusivo uso das notas pelos professores funciona como um mecanismo de competição e seleção nas salas de aula, dificultando os projetos de vida dos estudantes com base em décimos e centésimos. Os professores se preocupam “em atribuir nota 7 ou 7,5, enquanto relegam a último plano os sérios problemas de aprendizagem” Hoffman (2009).

A avaliação deve ser compreendida como um processo amplo da aprendizagem, que envolve responsabilidades do professor e do aluno. Ao tratar a avaliação de forma diferente, afastam-na de seus verdadeiros propósitos, de sua relação com o ensinamento, de seu aspecto formativo.

Ainda analisando as posições dos professores, eles possuem uma tendência em tratarem todos os alunos da mesma forma, pois como forma de avaliação os alunos respondem exercícios e questionários e as provas são baseadas neles. Não havendo assim, muitas chances de o aluno utilizar outros recursos didáticos. Assim todos os educandos participam do mesmo modo de trabalho, estudam pelo mesmo meio, utilizando o mesmo material didático, repetindo sempre as mesmas coisas e adquirindo assim, os mesmos conhecimentos Perrenoud (1999).

A avaliação feita por eles é baseada, principalmente, em provas e realização de tarefas. Visando assim, a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado na sala de aula, dessa forma, mede-se o aluno pela quantidade e exatidão das informações reproduzidas, e não pela qualidade dos raciocínios e nem pela capacidade de compreensão e relacionamento entre informações Perrenoud (1999). O professor deve procurar evidências de que os alunos estão aprendendo, e para isso, é necessária uma avaliação mais formativa, que proporcione aos alunos e professores, uma responsabilidade de trabalho.

Constata-se que as provas escritas são as principais formas de avaliação aplicadas pela maioria dos professores, vendo que estes consideram a avaliação como sendo a atribuição de notas aos alunos a partir da verificação do que aprenderem.

Os professores falaram que também atribuem notas ao “comportamento” e participação de seus alunos na sala de aula. Podemos observar, portanto, que o bom comportamento do aluno é um critério importante para avaliação, porém é muito subjetivo. Em conversa informal uma dos professores entrevistados chegou a mencionar a o termo “olhometro” como instrumento de avaliação do comportamento e atitudes dos alunos em sala de aula. De acordo com Freitas (2003 apud Preite 2010), muitas vezes, os alunos que se adaptam às exigências do professor, têm maiores chances de ganhar pontos quando necessário. Segundo dois dos professores, eles relatam que vê o interesse do aluno, se ele questiona, se ele participa ou se ele não participa.

As notas ou conceitos atribuídos aos alunos por seus professores se baseiam no desempenho destes alunos em relação ao conteúdo desenvolvido, seu comportamento em sala de aula, a realização de tarefas e esforço (FREITAS, 2003). Ainda, de acordo com Freitas (2003), esta avaliação do comportamento do aluno em sala de aula é um instrumento de controle muito poderoso, pois possibilita que o professor exija o cumprimento das regras pelos alunos, podendo ele, aprovar ou reprovar os alunos a partir da avaliação instrucional ou formal. Esta atribuição de nota ao comportamento e à participação do aluno é um modo de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento do aluno para que este realize todas as tarefas exigidas pelo professor e se mantenha disciplinado dentro da sala de aula, já que, como foi observado nas falas dos professores entrevistados, o bom comportamento do aluno é um critério importante para ganhar pontos; “o aluno que se adapta às solicitações, às exigências e às normas definidas tem mais possibilidades de “ganhar” os pontos necessários” (FREITAS, 2003). Dessa forma, “a nota passa a ser um fim e não apenas uma representação do rendimento do aluno” (PERRENOUD, 1999).

Perrenoud (1999), diz ainda que as notas fazem com que os alunos trabalhem, se apliquem e se concentrem, ficando em silêncio e dóceis, com o objetivo único de passar de ano. A nota não diz ao aluno o que ele sabe, mas sim o que pode lhe acontecer se continuar assim até o final do ano. Com isso, tanto os pais quanto os professores exercem uma forte pressão sobre o comportamento dos alunos na escola, (concedem recompensas ou hostilidades, dependendo das notas do aluno), isso quer dizer que por trás das notas, pais e professores evocam o êxito ou fracasso escolar.

Com isso, podemos enfatizar a importância da estimulação, pelo professor, da pergunta dos alunos e de que este educador mantenha uma postura dialógica com seus alunos, e não uma postura em que, enquanto o professor fala, o aluno ouve (FREIRE, 1996). Os diálogos ou conversas entre professores e alunos vão fazendo com que, aos poucos, as crianças aprendam a se tornar alunos, e também, os tipos de perguntas feitas pelo professor aos alunos, podem revelar concepções a respeito do ensino empregado Hoffman (2009). Segundo o autor, também é importante destacar que, muitas vezes, “o aluno não aprende porque não tem oportunidade de revelar o que pensa, discutir suas ideias, elucidar suas dúvidas” (HOFFMAN, 2009).

Com tudo, percebemos nas falas dos professores entrevistados neste estudo, que os planos formal e informal da avaliação, utilizados pelos mesmos. Permitem desvelar melhor o quanto as falas destes professores tendem a manifestar ideais de uma avaliação formativa, mas, ao discorrer sobre situações cotidianas, acabam manifestando o quanto se utilizam de julgamentos e valores que direcionam ações que denunciam a existência de uma concepção mais tradicional de avaliação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proposto com este trabalho analisar as concepções de avaliação da aprendizagem de quatro professores da rede pública de ensino, situando-as em relação às definições associadas a uma avaliação mais formativa e aos planos formal e informal da avaliação, deste modo foi possível identificar que a maioria dos docentes apresentou um discurso bastante formal sobre o processo de avaliação, verificando os erros dos alunos, tentando entender o que eles não compreenderam, acompanhando seus trajetos na escola, apoiando-os e sugerindo novos rumos mais adequados. Demonstraram também uma prática de avaliação tradicional, utilizando-se de provas escritas como instrumento mais frequente em sua prática pedagógica.

Neste contexto, a avaliação formativa permite que o professor se aproxime cuidadosamente de seu aluno, com a intenção de acompanhar seu desenvolvimento. Entretanto, podemos perceber que, apesar das professoras dizerem tentar, em alguns momentos, favorecer esta pedagogia diferenciada e uma maior individualização das trajetórias de formação, as principais formas de avaliação aplicadas pelas duas professoras entrevistadas, no aspecto do plano formal, foram provas escritas, questionários e trabalhos para nota.

Além disso, do ponto de vista do plano informal da avaliação, infere-se que as duas professoras atribuem um valor muito alto para o comportamento do aluno dentro da sala de aula. Salienta-se que estes professores valorizam demais aqueles alunos dóceis, participativos, que fazem tudo que os docentes mandam, não se empenhando tanto em estimular os alunos que consideram “rebeldes” e desinteressados.

Dessa forma, os referidos docentes podem acabar avaliando seus alunos segundo os juízos de valor que fazem deles, muitas vezes contribuindo para o sucesso de alguns e o fracasso escolar de outros cuja situação pode promover vários conflitos entre esses atores sociais frente ao processo de ensino e aprendizagem a partir da revisão bibliográfica que serviu de base para o desenvolvimento teórico desta pesquisa.

As ideias de uma avaliação mais formativa, presentes nos planos e no discurso formal de muitos professores e escolas, precisam ser concretizados para que as práticas cotidianas (que, muitas vezes, divergem destes planos e discursos) sejam modificadas para uma forma de avaliação inovadora, que traga um aumento da qualidade do ensino. Ao que parece, os professores, apesar de tantas informações a respeito do sistema de avaliação,

ainda permanecem com pensamentos e posições seculares, e para que as mudanças nas práticas avaliativas ocorram, é imprescindível que aconteçam mudanças na mentalidade e ideologia destes professores.

Nessa perspectiva, a prática avaliativa significa questionar a educação desde as suas concepções, seus fundamentos, sua organização, suas normas burocráticas. Significa também mudanças conceituais, redefinições de conteúdos e das funções docentes, necessita-se, sobretudo, de uma avaliação contínua, formativa na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno (HADJI, 2001). É importante estabelecer um diagnóstico correto para cada aluno e identificar as possíveis causas de seus fracassos e/ou dificuldades visando uma maior qualificação e não somente uma quantificação da aprendizagem. Entretanto, mesmo o professor tentando aplicar uma avaliação contínua, esta avaliação não tem nenhum sentido se não estiver acompanhada de uma pedagogia diferenciada.

Destaca-se ainda, que se pode concluir, que uma avaliação mais formativa luta contra o fracasso dos alunos e deve possibilitar a compreensão da situação enfrentada por eles, de modo a proporcionar ao professor, imaginar ações corretivas eficazes para estes alunos (HADJI, 2001). Mas como se percebe em muitas escolas, este tipo de avaliação está longe de ser implementada com coerência, continuidade e de uma forma completa. Muitas vezes, o professor não se dispõe a abrir espaço para mudanças e novas ideias, ou quando o faz encontra obstáculos no meio do caminho, como a sobrecarga dos programas e a concepção dos meios de ensino e das didáticas, que quase não privilegiam a diferenciação (PERRENOUD, 1999).

Para que estas mudanças realmente ocorram, os alunos e professores devem ser responsáveis por seu próprio trabalho. Tendo isso em vista, o que se almeja é uma avaliação que seja capaz de orientar os alunos para que estes percebam suas dificuldades, a fim de analisá-las e descobrir assim, procedimentos que os façam progredirem.

Por tanto esta avaliação não tem como objetivo classificar ou selecionar, apenas fundamenta-se nos processos de aprendizagem, em seus aspectos cognitivos, e em aprendizagens significativas e funcionais que se aplicam em diversos contextos e se atualizam para que o aluno continue a aprender.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que a avaliação abrange um processo bastante complexo e não deve se resumir à aplicação de provas escritas e atribuição de notas, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos. Essa atitude ignora

a complexidade dos fatores que envolvem o ensino. É necessário que, o professor entenda que as dificuldades de assimilação dos conteúdos muitas vezes estão relacionadas a fatores externos comuns, por exemplo, as condições sociais, econômicas e culturais dos alunos. Desta forma, infere-se que a avaliação deve ser um processo contínuo ocorrendo nos diferentes momentos do trabalho pedagógico, pois só assim será possível identificar o progresso e as dificuldades dos alunos, encontrando formas alternativas para somá-las.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Leis de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB), Brasília, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADJII, C. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, J.M.L. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 28ª ed. Porto alegre: Mediação, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

LDB-LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Câmara dos Deputados. 5ª Edição, Brasília: 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRONE, V. Desvendando a aprendizagem: o que as diversas abordagens esclarecem sobre as diferentes maneiras de aprender. In: **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, v. 13, n. 49, ano XIII, fev./abril. 2009.

PREITE, N. Z. A Avaliação dos Processos de Ensino Aprendizagem: concepções de Professores da Rede Pública de Ensino. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010. Disponível em: <

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2010/1o_2010/Nailliw_Zanini_Preite.pdf > Acesso em 08 de março de

2013.

ANEXO I

- **PRIMEIRA ENTREVISTA**

PROFESSOR 1 – Ministra aulas de ciência no ensino fundamental há três anos e tem 28 anos de idade.

1) Quais os instrumentos de avaliação usados nas aulas ao longo do ano?

Aplicação de questionário de sondagem, como forma de identificar o perfil sócio econômico dos alunos. Este geralmente é feito no início do ano e permite identificar posteriores problemas, atitudes e hábitos dos alunos, permitindo o direcionamento do trabalho pedagógico durante o ano.

Acompanhamento dos alunos em diferentes situações do cotidiano escolar. Esse critério de avaliação permite identificar o comportamento dos alunos perante o professor, os outros alunos, e demais membros da comunidade escolar, além de verificar o interesse na participação durante as aulas.

Atividades em grupo, pois estimula os alunos à cooperação, estreitando a dinâmica das relações sociais.

Provas mescladas com questões subjetivas e objetivas como forma de detectar dificuldades e progressos.

2) Quais as dificuldades encontradas para a realização destas tarefas?

A falta de compromisso e o desinteresse de alguns alunos.

3) Você acha que os instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem?

Em parte sim. Pois, se bem aplicados são capazes de identificar algumas dificuldades dos alunos, possibilitando desta forma uma tomada de decisão sobre o que fazer para superá-las.

4) Com base em que você atribui notas para seus alunos?

Em minha opinião, a avaliação abrange um processo bastante complexo e não deve se resumir a aplicação de provas escritas e atribuição de notas, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos. Essa atitude ignora a complexidade dos fatores que

envolvem o ensino. É necessário que o professor entenda que as dificuldades de assimilação dos conteúdos muitas vezes estão relacionadas a fatores externos como, por exemplo, as condições sociais, econômicas e culturais dos alunos. Desta forma, acredito que a avaliação deve ser um processo contínuo, ocorrendo nos diferentes momentos do trabalho pedagógico, pois só assim será possível identificar o progresso e as dificuldades dos alunos, encontrando formas alternativas para somá-las.

5) Como você diferencia um aluno plenamente satisfatório de um aluno não satisfatório?

Para mim um aluno plenamente satisfatório é aquele que demonstra interesse pelas aulas e participa de todas as atividades propostas, embora nem sempre tenha êxito nas notas. É aquele que acima de tudo demonstra carinho e respeito pelo professor. O aluno não satisfatório obviamente é o oposto disso.

6) Quando você percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer?

Revisar o conteúdo, acrescentando elementos que facilitem o aprendizado, como a resolução de exercícios, estudos dirigidos, trabalhos em grupo, além de conversas informais.

7) Sugere novos métodos de avaliação? Quais?

Sim. Pois o instrumento utilizado por muitos professores para a verificação do rendimento escolar continua sendo a prova escrita, com objetivo classificatório e, portanto, discriminatório. As sugestões são pertinentes à primeira questão respondida anteriormente.

- **SEGUNDA ENTREVISTA**

PROFESSOR 2 – Ministra aulas de ciência no ensino fundamental há 25 anos e tem 48 anos de idade.

1) Quais os instrumentos de avaliação usados nas aulas ao longo do ano?

Provas escritas, trabalhos em grupos, seminários com apresentação oral, exercícios e pesquisas. Como também comportamento e participação do aluno.

2) Quais as dificuldades encontradas para a realização destas tarefas?

A maior dificuldade é a falta de interesse do aluno. Eles não têm consciência de que o que o professor ensina é bom e vai servir a eles no futuro. Dessa forma, acabo fazendo todos os trabalhos em sala, pois se pedir algum trabalho para casa eles não o fazem. Mas, também não é fácil prender a atenção dos alunos em sala, como também a participação – “a grande maioria não estão nem aí, não querem nada”.

3) Você acha que os instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem?

Não! Os alunos além de não terem interesse não têm perspectivas.

4) Com base em que você atribui notas para seus alunos?

Provão, trabalhos, comportamento e participação.

5) Como você diferencia um aluno plenamente satisfatório de um aluno não satisfatório?

De acordo com a posição em sala de aula. Os poucos que se comportam, participam fazendo os trabalhos e fazem alguma coisa nas provas, eu considero satisfatório (um pouco), do contrário, não satisfatório.

6) Quando você percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer?

Revisão do conteúdo. Mas, ainda assim não temos resultados de progresso- “se nós, professores não der uma ajudinha eles não passam de ano”.

7) Sugere novos métodos de avaliação? Quais?

Deveria existir um teste de seleção ao entrar na instituição, com critérios avaliativos com notas, comportamento e educação. Como também os programas sociais deveriam exigir rendimento escolar, não somente frequência. E o principal, deveria haver participação da família constantemente.

- **TERCEIRA ENTREVISTA**

PROFESSOR 3 – Ministra aulas de ciência no ensino fundamental há um ano e seis meses têm 40 anos de idade.

1) Quais os instrumentos de avaliação usados nas aulas ao longo do ano?

Avaliação contínua (presença, realização das atividades, prova escritos, comportamento e etc.).

2) Quais as dificuldades encontradas para a realização destas tarefas?

A maior dificuldade que encontro para realizar as atividades de avaliação está na indisposição constante dos alunos.

3) Você acha que os instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem?

Em minha opinião não refletem a aprendizagem. Uma pergunta básica que faço é: Como avaliar? O que avaliar?

4) Com base em que você atribui notas para seus alunos?

As notas são atribuídas conforme avaliação contínua (presença, realização das atividades, prova escritos, comportamento e etc.).

5) Como você diferencia um aluno plenamente satisfatório de um aluno não satisfatório?

Na realidade da minha escola não existem alunos plenamente satisfatórios. Eles estão sempre chateados pelo fato de estarem sempre na escola, pois são obrigados a isto. São forçados a fazer tarefas para obter notas; além disso, precisam estar no programa mais educação e passar o dia todo na escola.

6) Quando você percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer?

Só tenho 45 minutos de aula e depois já vem outro professor. As turmas são formadas por 40 a 45 alunos, às vezes as salas são pequenas e elas se tornam amontoadas. É preciso fazer a “chamada”, às vezes por número de chamada (eu só chamo pelo nome do aluno), tem que registrar aula, expor o conteúdo no quadro, esperar que eles terminem de copiar, depois

explicar o assunto... Mas, mesmo quando percebo que um aluno não está compreendendo o assunto, costumo explicar novamente, usando até uma linguagem mais simples, tomando novos exemplos, questionando, discutindo, etc.

7) Sugere novos métodos de avaliação? Quais?

Gostaria que meu método de avaliação se tornasse em discussão e relação textual. Também, nesse caso, seria necessário que a turma fosse formada por no máximo 15 alunos e que todos estivessem em sala de aula por livre e espontânea vontade.

“Como pode ocorrer ensino-aprendizagem se na relação professor – aluno, um dos elementos não está disposto um dos processos.”

O sistema educacional brasileiro precisa mudar radicalmente. Ele está ultrapassado.

- **QUARTA ENTREVISTA**

Professor 4 – Ministra aulas de ciência no ensino fundamental a há 17 anos e tem 42 anos de idade.

1) Quais os instrumentos de avaliação usados nas aulas ao longo do ano?

O processo de avaliação é baseado em:

- Nota Conceitual: frequência às aulas, relacionamento com o professor e com os colegas de sala, respeito, participação nas atividades de sala de aula, expressão oral e escrita, comportamento, envolvimento em trabalhos da escola e da disciplina, uso de materiais;
- Trabalho: individual ou em grupo, pesquisas e seminários;
- Prova: escrita.

2) Quais as dificuldades encontradas para a realização destas tarefas?

A maior dificuldade é motivar o aluno a estudar, infelizmente alguns não tem hábito de estudo, se recusam a realizar atividades em sala de aula e em casa não possui apoio. Como trabalhamos com disciplina, fica difícil apoio individual, pois temos salas numerosas, principalmente nos 6º anos.

3) Você acha que os instrumentos de avaliação refletem a aprendizagem?

Avaliar é muito complexo, porém quando utilizamos diferentes meios de avaliação, oferecemos diferentes oportunidades para o aluno expressar aprendizagem se identificando em alguns deles.

4) Com base em que você atribui notas para seus alunos?

A média em todas as disciplinas da escola é resultado do processo de avaliação na primeira questão. Cada nota vale 10,0 e as três são divididas por 3 e o resultado será a média obtida pelo aluno.

5) Como você diferencia um aluno plenamente satisfatório de um aluno não satisfatório?

Não respondeu!

6) Quando você percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo, o que você costuma fazer?

Em geral, revisão do conteúdo por meio de uma metodologia diferente da utilizada inicialmente depois realizou uma avaliação de recuperação (prova escrita).

7) Sugere novos métodos de avaliação? Quais?

É fundamental que toda escola tenha um processo de avaliação definido e utilizado por todas as disciplinas e que o aluno tenha conhecimento de como é avaliado.